

OS DEIXADOS PARA TRÁS

TOM PERROTTA

Os deixados para trás

TRADUÇÃO DE RUBENS FIGUEIREDO



Copyright © 2011 Tom Perrotta

TÍTULO ORIGINAL
The Leftovers

PREPARAÇÃO
Julia Sobral

REVISÃO
Clarissa Peixoto

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P544d

Perrotta, Tom, 1961-

Os deixados para trás / Tom Perrotta ; tradução de Rubens
Figueiredo. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.

320p. : 23 cm

Tradução de: The leftovers

ISBN 978-85-8057-214-8 (capa vermelha)

ISBN 978-85-8057-230-8 (capa azul)

1. Romance americano. I. Figueiredo, Rubens, 1956-. II. Título.

12-3521

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 - Gávea
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Nina e Luke

AGRADECIMENTOS

Considero-me um felizardo por poder agradecer aos suspeitos de costume — Elizabeth Beier, Maria Massie, Dori Weintraub e Sylvie Rabineau — por se aliarem a mim nesta Partida Repentina, e por sua orientação ao longo do caminho. Agradeço também a Mary, Nina e Luke, por todos os dias.

PRÓLOGO

Laurie Garvey não tinha sido educada para acreditar no Arrebatamento. Ela não tinha sido educada para acreditar em nada, na verdade, a não ser na tolice da crença em si.

Somos agnósticos, ela dizia para seus filhos, no tempo em que eram pequenos e precisavam de um jeito de se definirem diante de seus amigos católicos, judeus e unitaristas. *Não sabemos se existe um Deus, nem ninguém sabe. Podem até dizer que sabem, mas na verdade não sabem.*

Na primeira vez que ouviu falar do Arrebatamento, Laurie era caloura na faculdade e frequentava as aulas de um curso intitulado Introdução às Religiões do Mundo. O fenômeno que o professor descreveu lhe pareceu uma piada, hordas de cristãos flutuando para fora de suas roupas, erguendo-se no ar através do telhado de suas casas e do teto de seus carros a fim de encontrarem-se com Jesus no céu, enquanto todos os outros ficavam parados à sua volta, boquiabertos, perguntando-se onde aquela boa gente tinha ido parar. A teologia permanecia como algo nebuloso para Laurie, mesmo depois de ter lido a seção sobre “Dispensacionalismo Pré-milenarista” em sua apostila do curso, com todo aquele lero-lero sobre o Armagedon, o Anticristo e os Quatro Cavaleiros do Apocalipse. Parecia uma cafonice religiosa, tão brega quanto uma pintura feita sobre veludo preto, o tipo de fantasia que tinha apelo para gente que comia frituras demais, dava surra nos filhos e não tinha nenhum problema com a teoria segundo a qual seu Deus cheio de amor tinha inventado a aids para punir os homossexuais. Durante os anos que seguiram, ela de vez em quando surpreendia alguém lendo um daqueles livros deixados de propósito no aeroporto ou num trem, os chamados Deixados Para Trás, e sentia uma pontada de pena, e até um pingote de ternura,

pelo pobre idiota que não tinha nada melhor para ler e nada mais para fazer senão ficar sentado sonhando com o fim do mundo.

E aí aconteceu. A profecia bíblica tornou-se realidade, ou ao menos parcialmente real. Pessoas desapareceram, milhões de pessoas ao mesmo tempo, em todo o mundo. Não era uma daquelas velhas histórias — um morto que volta à vida no tempo do Império Romano — nem uma lenda local empoeirada, Joseph Smith desenterrando plaquinhas de ouro no norte do estado de Nova York e conversando com um anjo. Aquilo era real. O Arrebatamento aconteceu na cidade natal dela, com a filha da sua melhor amiga, entre outras pessoas, enquanto a própria Laurie estava na casa. A intromissão de Deus em sua vida não poderia ter sido mais evidente, mesmo se Ele tivesse lhe dirigido a palavra, de dentro de uma azaleia em chamas.

Ao menos, era o que se poderia pensar. E no entanto ela conseguiu negar o óbvio durante semanas e meses, aferrando-se a suas dúvidas como a um colete salva-vidas, repetindo as palavras de cientistas, sábios e políticos que insistiam em dizer que a causa do que eles chamavam de “Partida Repentina” continuava ignorada e advertiam o público de que deviam evitar conclusões precipitadas antes da divulgação de um comunicado oficial formulado pela comissão governamental suprapartidária que estava investigando a questão.

“Aconteceu alguma coisa trágica”, repetiam os especialistas sem cessar. “Foi um fenômeno semelhante ao Arrebatamento, mas não parece ter sido de fato o Arrebatamento.”

O interessante era que algumas das vozes mais destacadas na defesa dessa tese pertenciam aos próprios cristãos, que não podiam deixar de notar que muitas pessoas desaparecidas no 14 de Outubro — hindus, budistas, muçulmanos, judeus, ateus, animistas, homossexuais, esquimós, mórmons, zoroastristas ou que diabo fossem — não tinham aceitado Jesus Cristo como seu salvador pessoal. Até onde se podia saber, tratava-se de uma colheita aleatória, e o Arrebatamento poderia ser tudo, menos aleatório. O intuito da coisa era separar o joio do trigo, recompensar os verdadeiros crentes e abrir os olhos do restante do mundo. Um Arrebatamento indiscriminado não teria nada de Arrebatamento.

Portanto era bastante fácil a pessoa ficar confusa, jogar as mãos para o alto e alegar simplesmente que não sabia o que estava acontecendo. Mas Laurie sabia. No fundo do coração, assim que aconteceu, ela *soube*. Ela fora deixada para trás. Todos eles haviam sido deixados para trás. Não importava que Deus não tivesse levado em conta a religião em Sua tomada de decisão — na verdade, aquilo piorava ainda mais as coisas, fazia parecer uma rejeição pessoal. E no entanto ela optou por ignorar esse conhecimento, bani-lo para algum reduto obscuro de

sua mente — o depósito no porão reservado para as coisas sobre as quais não suportamos pensar —, o mesmo lugar onde escondemos o conhecimento de que um dia vamos morrer, para que assim possamos viver nossa vida sem ficarmos deprimidos a cada minuto de cada dia.

Além do mais, era uma época em que Laurie andava muito ocupada, os primeiros meses após o Arrebatamento, com a escola fechada em Mapleton, a filha em casa o dia inteiro e o filho de volta da faculdade. Era preciso fazer compras e lavar as roupas, igual a antes, era preciso preparar a comida e lavar os pratos. Também havia cerimônias fúnebres a que comparecer, fotos para compilar, lágrimas para enxugar e muitas conversas cansativas. Ela passou um bocado de tempo com a pobre Rosalie Sussman, visitando-a quase toda manhã, tentando ajudá-la a superar aquele sofrimento inconcebível. Às vezes as duas conversavam sobre sua filha que havia partido, Jen — que menina gentil ela era, sempre sorridente etc. —, mas em geral se limitavam a ficar juntas, caladas. O silêncio parecia profundo e justo, como se não houvesse nada que qualquer uma delas pudesse dizer que fosse importante o suficiente para quebrá-lo.

No outono seguinte, começaram a vê-las pela cidade: pessoas de roupas brancas, andando em pares do mesmo sexo, sempre fumando. Laurie reconhecia algumas — Barbara Santangelo, cujo filho estudava com sua filha; Marty Powers, que jogava *softball* com seu marido e cuja esposa tinha sido levada pelo Arrebatamento, ou o que quer que fosse aquilo. Em geral, elas ignoravam os outros, mas às vezes seguiam uma pessoa como se fossem detetives particulares contratados para controlar seus movimentos. Se a pessoa os cumprimentasse, eles se limitavam a fitar com um olhar vago, mas se a pessoa fizesse uma pergunta mais específica, eles entregavam um cartão de visitas com a seguinte mensagem de um lado:

SOMOS MEMBROS DOS REMANESCENTES CULPADOS. FIZEMOS UM VOTO DE SILÊNCIO. ESTAMOS DIANTE DE VOCÊS COMO UMA LEMBRANÇA VIVA DO ASSOMBROSO PODER DE DEUS. A HORA DO SEU JULGAMENTO CHEGOU.

Em caracteres menores, no outro lado do cartão, havia um endereço na internet que se podia consultar para obter mais informações: www.guiltyremnant.com.

Foi um outono estranho. Um ano inteiro havia passado desde a catástrofe; os sobreviventes tinham assimilado o golpe e descoberto, para sua surpresa, que continuavam a resistir, se bem que alguns se mostravam mais vacilantes do que outros. De maneira frágil, tateante, as coisas começavam a voltar ao normal. As escolas

tinham reaberto e a maioria das pessoas voltara a trabalhar. Crianças jogavam futebol no parque nos finais de semana; havia até um punhado delas que se fantasiava e fazia as brincadeiras típicas do Halloween. Dava para sentir que os velhos hábitos estavam voltando, que a vida retomava sua forma anterior.

Mas Laurie não conseguia entrar nesse clima. Além de cuidar de Rosalie, ela se preocupava demais com os próprios filhos. Tom tinha voltado para a faculdade para cursar o semestre da primavera, mas caíra sob a influência de um tosco e autoproclamado “profeta salvador”, chamado Santo Wayne, faltava a todas as aulas e se recusava a voltar para casa. Tinha telefonado algumas vezes no verão para avisar a ela que estava tudo bem, mas não dizia onde se encontrava nem o que estava fazendo. Jill lutava contra a depressão e contra o estresse pós-traumático — é claro, Jen Sussman era sua melhor amiga desde o maternal —, mas se recusava a conversar com Laurie sobre o assunto ou a procurar um terapeuta. Enquanto isso, seu marido parecia estranhamente alegre, sempre cheio de boas notícias. Os negócios estavam bombando, o tempo estava ótimo, ele tinha acabado de correr dez quilômetros em menos de uma hora, nem dava para acreditar.

— E você? — perguntou Kevin, nem um pouco constrangido com sua calça de ginástica colada ao corpo, o rosto radiante de boa saúde e uma fina camada de suor sobre a pele. — O que você fez o dia todo?

— Eu? Ajudei Rosalie a montar seu álbum de recortes.

Ele torceu a cara, num misto de desaprovação e indulgência.

— Ela continua fazendo isso?

— Ela não quer terminar. Hoje fizemos um pequeno histórico da carreira de nadadora de Jen. Dá para ver Jen crescendo ano após ano, seu corpo mudando dentro daquele maiô azul. É de cortar o coração.

— Ah.

Kevin encheu seu copo de água gelada na torneira embutida na porta da geladeira. Laurie podia ver que o marido não estava escutando, sabia que ele tinha perdido todo interesse pelo assunto de Jen Sussman meses antes.

— E o que temos para o jantar?

Laurie não podia dizer que ficou chocada quando Rosalie anunciou que ia se juntar aos Remanescentes Culpados. Rosalie andava fascinada com aquelas pessoas de branco desde a primeira vez que as viu na rua e frequentemente se perguntava em voz alta como seria penoso cumprir um voto de silêncio, sobretudo se a gente encontra um velho amigo de repente, alguém que a gente não via há muito tempo.

— Eles tinham de dar uma licença provisória num caso desses, não acha?

— Não sei — respondeu Laurie. — Eu duvido que aceitem. São fanáticos. Não gostam de abrir exceções.

— Nem mesmo se for o irmão da pessoa, um irmão que ela não vê há vinte anos? Será que não se pode nem dar um oi?

— Não pergunte a mim. Pergunte a eles.

— E como posso perguntar a eles? Não têm permissão para falar.

— Não sei. Consulte o site.

Rosalie consultou o site muitas vezes naquele inverno. Criou uma estreita amizade virtual — obviamente, o voto de silêncio não valia para as comunicações eletrônicas — com a Diretora de Difusão Pública da organização, uma mulher simpática que respondia a todas as suas perguntas, a orientava e esclarecia suas dúvidas e reservas.

— O nome dela é Connie. Antes, era dermatologista.

— É mesmo?

— Vendeu o consultório e doou o dinheiro para a organização. É o que um monte de gente está fazendo. Não é barato manter em atividade uma organização desse tamanho.

Laurie tinha lido uma matéria sobre os Remanescentes Culpados no jornal local, então sabia que havia pelo menos sessenta pessoas morando no “condomínio” na rua Ginkgo, um loteamento com oito casas que fora doado para a organização pelo construtor, um homem rico chamado Troy Vincent, que agora morava lá como um membro comum, sem qualquer privilégio.

— E quanto a você? — perguntou Laurie. — Vai vender a casa?

— Não agora. Há um período de experiência de seis meses. Não tenho de tomar qualquer decisão até lá.

— É sensato.

Rosalie balançou a cabeça, como que admirada com a própria ousadia. Laurie podia ver como ela estava animada, agora que tinha decidido mudar de vida.

— Vai ser estranho vestir roupa branca o tempo todo. Acho que eu preferia que fosse azul, cinza, sei lá. Não fico bem de branco.

— Não consigo acreditar que você vai começar a fumar.

— Argh. — Rosalie fez uma careta.

Ela era uma dessas pessoas extremamente rigorosas no combate ao tabagismo, o tipo de gente que abana a mão freneticamente diante do rosto quando está a vinte passos de um cigarro aceso.

— Isso vai exigir certa adaptação. Mas é como um sacramento, entende? A gente tem de fazer. Não tem escolha.

— Coitados de seus pulmões.

— Nós não vamos viver por tempo suficiente para ficar com câncer. A Bíblia diz que só há sete anos de tribulações após o Arrebatamento.

— Mas não foi o Arrebatamento — disse Laurie, tanto para si mesma quanto para a amiga. — Não de verdade.

— Você deveria vir comigo. — A voz de Rosalie era branda e séria. — Quem sabe poderíamos ser colegas de quarto?

— Não posso — respondeu Laurie. — Não posso deixar minha família.

Família: ela se sentia mal só de pronunciar a palavra. Rosalie não tinha família. Estava divorciada havia anos e Jen era sua única filha. Tinha mãe e padrasto em Michigan, e uma irmã em Minneapolis, mas não falava muito com eles.

— Foi o que eu imaginei. — Rosalie deu de ombros de leve num gesto de resignação. — Não custava nada tentar.

Uma semana depois, Laurie levou Rosalie de carro até a rua Ginkgo. Era um dia lindo, ensolarado e repleto com o canto de pássaros. As casas pareciam imponentes — amplas, em estilo colonial, com três andares, em lotes de dois mil metros quadrados, e provavelmente teriam sido vendidas por um milhão de dólares ou mais quando foram construídas.

— Puxa — disse ela. — Muito chique.

— Eu sei. — Rosalie deu um sorriso nervoso. Estava vestida de branco e levava uma pequena mala que continha principalmente roupas de baixo e cosméticos, além dos álbuns de recortes que ela passara tanto tempo montando. — Nem consigo acreditar que estou fazendo isso.

— Se não gostar, é só me ligar. Eu venho buscar você.

— Acho que ficarei bem.

Subiram a escadinha da entrada de uma casa que tinha a palavra QUARTEL-GENERAL pintada na porta da frente. Laurie não tinha permissão para entrar, portanto abraçou a amiga para se despedir e ficou observando enquanto Rosalie era conduzida para dentro por uma mulher de rosto pálido e gentil, que podia ou não ser Connie, a ex-dermatologista.

Quase um ano se passou antes que Laurie voltasse à rua Ginkgo. Era também um dia de primavera, um pouco mais frio, não tão ensolarado. Dessa vez, era ela quem estava vestida de branco, e trazia uma pequena mala. Não era muito pesada, só com roupas de baixo, uma escova de dente e um álbum com fotografias cuidadosamente selecionadas de sua família, uma breve história visual das pessoas que ela amava e que estava deixando para trás.

PARTE UM
ANIVERSÁRIO DE TRÊS ANOS

DIA DOS HERÓIS

Era um belo dia para um desfile, ensolarado e com um calor suave, o céu era um retrato do paraíso, como os desenhos que se veem nas aulas de catecismo das escolas dominicais. Pouco tempo antes, as pessoas teriam sentido a necessidade de fazer alguma piadinha nervosa ao ver um tempo assim — *Ei, diriam, talvez esse tal de aquecimento global não seja um negócio tão ruim quanto dizem!* —, mas agora ninguém mais se importava com o buraco na camada de ozônio nem com o *páthos* de um mundo sem ursos polares. Lembrando essa outra época, parecia até engraçado, toda aquela energia desperdiçada em aflições por causa de algo tão remoto e incerto, uma catástrofe ecológica que podia ou não acontecer, em algum ponto de um futuro muito distante, bem depois de você e seus filhos e os filhos de seus filhos terem esgotado seu tempo de vida na Terra e terem ido para onde quer que se vá quando tudo termina.

Apesar da angústia que havia tomado conta de Kevin Garvey durante toda a manhã, o prefeito se viu dominado por um repentino estado de nostalgia enquanto caminhava pelo Washington Boulevard rumo ao estacionamento do colégio, onde as pessoas que iam desfilar tinham sido orientadas a se reunir. Faltava meia hora para o desfile, os carros alegóricos estavam em fila e prontos para entrar em movimento, a banda se preparava para a batalha, salpicando no ar um dissonante introito de balidos, buzinas e acanhados rufos de tambores. Kevin nascera e fora criado em Mapleton e não conseguia deixar de pensar nos desfiles de 4 de Julho na época em que tudo ainda fazia sentido. Metade da cidade ficava perfilada às margens da rua Principal enquanto a outra metade — jogadores da liga mirim de beisebol, escoteiros de ambos os sexos, veteranos de guerras no exterior amparados por mulheres da Liga de Senhoras Filantró-

picas — caminhava a passos largos no meio da rua, acenando para os espectadores, como se estivessem surpresos de vê-los ali, como se aquilo fosse uma espécie de coincidência doida, e não um feriado nacional. Na memória de Kevin, ao menos, tudo aquilo parecia incrivelmente estrondoso, agitado e inocente — caminhões do corpo de bombeiros, tubas, passistas irlandeses, malabaristas de bastões coloridos em trajes enfeitados com lantejoulas, num ano houve até um esquadrão da fraternidade dos Shrine, cada um com seu fez na cabeça, correndo com seus hilariantes carrinhos nanicos. Depois do desfile, havia partidas de *softball* e piqueniques, uma sequência de rituais reconfortantes que culminavam no grande espetáculo de fogos de artifício em cima do lago Fielding, centenas de rostos enlevados voltados para o céu, exclamando e gritando diante dos sibilantes cata-ventos e das explosões de estrelas que desabrochavam lentamente e iluminavam a escuridão, lembrando a todos quem eram, qual era seu lugar e por que tudo estava bem.

O evento de hoje — precisamente, o primeiro Dia Anual de Reflexão em Memória dos Heróis que Partiram — não ia ser nada parecido com aquilo. Kevin pôde sentir o estado de ânimo sombrio assim que chegou ao colégio: uma invisível névoa de mágoa bolorenta e de perplexidade crônica adensava o ar, fazia as pessoas falarem em tom mais suave e de maneira mais hesitante do que fariam normalmente numa grande reunião ao ar livre. Por outro lado, Kevin ficou ao mesmo tempo surpreso e agradecido pelo comparecimento, em vista da recepção fria que a ideia do desfile havia causado quando fora proposta inicialmente. Alguns críticos acharam que era a hora errada (“Cedo demais!”, insistiam em dizer), ao passo que outros sugeriam que uma comemoração secular do 14 de Outubro era equivocada e talvez até uma blasfêmia. Tais objeções se apagaram com o correr do tempo, talvez porque os organizadores tivessem feito um bom trabalho convencendo os cétricos, ou porque as pessoas em geral gostassem de desfiles, independentemente da ocasião. De todo modo, tantos habitantes de Mapleton se apresentaram como voluntários para desfilar que Kevin se perguntava se ainda sobriaria alguém para aplaudir o desfile, enquanto eles percorriam seu trajeto pela rua Principal até o Greenway Park.

Kevin hesitou por um momento por trás da linha formada pela barricada da polícia, reunindo suas forças para aquilo que, ele sabia, seria um dia longo e difícil. Por toda parte, via pessoas desalentadas e sinais evidentes de sofrimento. Acenou para Martha Reeder, a senhora antes tão falante que atendia no guichê da venda de selos da agência de correios; ela sorriu com tristeza, virando-se para permitir que o prefeito visse melhor o cartaz que ela segurava. Continha uma fotografia ampliada de sua neta de três anos, uma criança de ar sério, cabelos cacheados e

óculos meio tortos. ASHLEY, dizia o cartaz, MEU ANJINHO. De pé, atrás dela, estava Stan Washburn — policial aposentado e ex-técnico de Kevin no time da Pop Warner —, um sujeito atarracado, sem pescoço, cuja camiseta, esticada por cima da imponente barra de cerveja, fazia um convite a quem quisesse: PERGUNTE-ME SOBRE MEU IRMÃO. Kevin sentiu uma forte e repentina vontade de fugir, correr para casa e passar a tarde levantando halteres ou varrendo as folhas do jardim — qualquer coisa solitária e mecânica serviria —, mas aquilo passou depressa, como um soluço, ou uma fantasia sexual vergonhosa.

Com um suspiro suave e bem-comportado, ele se meteu na multidão, apertando mãos e chamando as pessoas por seus nomes, fazendo sua melhor representação de um político de cidade pequena. Ex-astro de futebol americano juvenil de Mapleton e destacado homem de negócios local — ele tinha herdado e expandido a cadeia de lojas de bebida da família, lojas do tamanho de supermercados, triplicando a receita durante os quinze anos de sua administração —, Kevin era uma figura popular e de grande visibilidade na cidade toda, mas a ideia de concorrer ao cargo de prefeito nunca havia passado por sua cabeça. Então, no ano anterior, sem mais nem menos, recebeu um abaixo-assinado de dois mil cidadãos, muitos dos quais ele conhecia bastante bem: “Nós, abaixo-assinados, estamos ansiosos por uma liderança nestes tempos sombrios. O senhor nos ajudaria a tomar de volta nossa cidade?” Tocado por aquele apelo e sentindo-se também um pouco perdido — alguns meses antes, tinha vendido toda sua empresa por uma pequena fortuna e ainda não havia imaginado o que ia fazer da vida —, Kevin aceitou a indicação para concorrer ao cargo de prefeito por uma entidade política recém-formada, batizada com o nome de Partido da Esperança.

Kevin ganhou a eleição por uma maioria esmagadora, destronando Rick Malvern, o candidato à reeleição que fora prefeito três vezes, mas que havia perdido a confiança dos eleitores depois que tentou incendiar a própria casa num ato que ele chamou de “purificação ritual”. Não deu certo — o corpo de bombeiros tratou de apagar o incêndio, apesar das objeções virulentas do proprietário — e naquela ocasião Rick morava numa tenda armada no jardim de sua casa, enquanto restos chamuscados de sua mansão vitoriana de cinco quartos se avolumavam ao fundo. Certos dias, quando passava correndo de manhã cedo, Kevin topava com seu ex-rival de eleições na hora em que estava saindo da tenda — numa dessas vezes, estava sem camisa e só de cueca samba-canção — e os dois homens trocavam um cumprimento meio sem graça, na rua silenciosa a não ser por isso, um *Oi*, ou um *Alô*, ou um *E aí?*, só para mostrar que não havia ressentimento entre eles.

Por mais que não apreciase os apertos de mão e os tapinhas nas costas que seu novo emprego lhe impunha, Kevin sentia-se na obrigação de se fazer acessível aos seus eleitores, mesmo os irritados e descontentes que inevitavelmente saíam da toca nos eventos públicos. O primeiro a abordá-lo no estacionamento foi Ralph Sorrento, um bombeiro hidráulico mal-humorado de Sycamore Road, que abriu caminho a cotoveladas num grupo de mulheres de aspecto tristonho e de idênticas camisetas cor-de-rosa e se plantou bem na frente de Kevin.

— *Sr. Prefeito* — falou com voz arrastada, sorrindo de um jeito falso como se houvesse alguma coisa intrinsecamente ridícula no título do cargo. — Eu não via a hora de encontrar o senhor. O senhor nunca responde a meus e-mails.

— Bom dia, Ralph.

Sorrento cruzou os braços sobre o peito e observou Kevin com uma perturbadora combinação de desdém e divertimento. Era grandalhão, corpulento, o cabelo cortado à escovinha, o cavanhaque eriçado, vestido com calças cargo manchadas de gordura e um suéter com capuz, forrado de material térmico. Mesmo àquela hora — não eram nem onze da manhã — Kevin podia sentir o cheiro de cerveja no hálito dele e percebeu que estava querendo arranjar confusão.

— Quero apenas que fique claro — declarou Sorrento com uma voz anormalmente alta — que não vou pagar porra nenhuma.

O pagamento em questão era uma multa de cem dólares que ele havia recebido por atirar num bando de cachorros sem dono que tinha invadido seu jardim. Um beagle morreu na hora, mas um mestiço de pastor alemão e Labrador fugiu mancando com uma bala na pata traseira, deixando um rastro de sangue por três quarteirões, antes de desabar na calçada, perto da creche Academia dos Brotinhos na rua Oak. Normalmente, a polícia não se preocupava muito com cães baleados — era uma coisa que acontecia com uma regularidade deprimente —, mas um punhado de “brotinhos” testemunhara a agonia do animal e as queixas dos pais e responsáveis acabaram levando Sorrento a ser processado.

— Não use essa linguagem comigo — advertiu Kevin, incomodado por ver que diversas cabeças se viravam na direção deles.

Sorrento cutucou as costelas de Kevin com o dedo indicador.

— Estou de saco cheio dessa cachorrada cagando no meu jardim.

— Ninguém gosta desses cachorros — admitiu Kevin. — Mas da próxima vez telefone para o departamento de controle de animais, está bem?

— Controle de animais. — Sorrento repetiu as palavras com uma risadinha de desdém. De novo cutucou o esterno de Kevin, a ponta do dedo indicador bateu forte no osso do peito. — Eles não fazem porra nenhuma.

— Estão com pouco pessoal. — Kevin forçou um sorriso educado. — Estão fazendo o melhor possível numa situação difícil. Como todos nós. Tenho certeza de que você compreende.

Como que para indicar que compreendia, Sorrento aliviou a pressão no peito de Kevin. Inclinou-se mais para perto, o bafo azedo, a voz baixa e íntima.

— Faça um favor, tudo bem? Diga aos guardas que, se quiserem meu dinheiro, vão ter de vir pegar. Diga que esperarei por eles com minha espingarda de cano serrado.

Sorriu tentando fazer uma cara de valentão, mas Kevin pôde ver a dor dentro de seus olhos, o olhar vidrado, suplicante, por trás da brutalidade. Se bem lembrava, Sorrento tinha perdido uma filha, uma garota rechonchuda, devia ter uns nove ou dez anos. Tiffany ou Britney, um nome assim.

— Vou dar o recado — disse Kevin, e lhe deu uma palmadinha de leve no ombro. — Agora, que tal ir para casa e descansar um pouco?

Sorrento deu um tapa na mão de Kevin.

— Não encoste em mim.

— Desculpe.

— Não deixe de dizer para eles o que eu falei, ok?

Kevin prometeu que faria isso, depois tratou de se afastar depressa, tentando ignorar o medo que de repente se havia materializado em suas entranhas. À diferença de algumas cidades vizinhas, Mapleton nunca tinha visto um suicídio por um policial, que é quando um suicida se comporta deliberadamente de forma ameaçadora para que seja alvejado por um agente da lei, mas Kevin sentia que Ralph Sorrento andava no mínimo fantasiando tal ideia. Seu plano não parecia especialmente inspirado — os policiais tinham coisas mais importantes com que se ocupar do que cobrar pessoalmente a dívida de uma multa por crueldade contra animais —, porém havia uma infinidade de maneiras de provocar um confronto, se a pessoa estivesse de fato decidida a fazer aquilo. Kevin teria de avisar o chefe de polícia, certificar-se de que os patrulheiros sabiam com o que estavam lidando.

Entretido com tais pensamentos, Kevin não se deu conta de que estava caminhando direto ao encontro do reverendo Matt Jamison, ex-membro da igreja da Bíblia de São, até ser tarde demais para executar qualquer manobra de evasão. Tudo o que pôde fazer foi erguer as mãos, numa fútil tentativa de rechaçar um jornaleco de fofoca que o reverendo sacudia na sua cara.

— Tome — disse o reverendo. — Aqui há coisas que vão deixar você de cabelo em pé.

Sem enxergar nenhuma maneira elegante de escapar, Kevin pegou com relutância o jornalzinho que trazia estampada a manchete enfática, mas desajeitada: “**14 DE OUTUBRO NÃO FOI O DIA DO ARREBATAMENTO!!!**” A primeira página apresentava uma fotografia da Dra. Hillary Edgers, uma pediatra adorada que desaparecera três anos antes, com outros oitenta e sete residentes do local e incontáveis milhões de pessoas em todo o mundo. REVELADOS OS ANOS DE VIDA BISSEXUAL DA DOUTORA NO TEMPO DA FACULDADE, proclamava outra manchete. Uma citação destacada na matéria seguinte, dizia: “‘Nós sempre acreditamos que ela era gay’, revela uma antiga colega de quarto.”

Kevin conhecera e admirara a Dra. Edgers, cujos filhos gêmeos tinham a mesma idade de sua filha. Ela trabalhava como voluntária duas noites por semana numa clínica comunitária para crianças pobres na cidade e dava palestras na Associação de Pais e Mestres sobre temas como “Os efeitos de longo prazo de concussões em atletas jovens” e “Como identificar um distúrbio alimentar”. As pessoas a alugavam o tempo todo, no supermercado e no campo de futebol, em busca de conselhos médicos gratuitos, mas ela nunca se mostrava contrariada com aquilo, nem demonstrava a menor impaciência.

— Meu Deus, Matt. Será que isso é necessário?

O reverendo Jamison pareceu desconcertado com a pergunta. Era um homem elegante, de cabelo louro pálido, com mais ou menos quarenta anos de idade, mas seu rosto tinha ficado flácido e empapuçado nos últimos anos, como se estivesse envelhecendo num cronograma acelerado.

— Essas pessoas nada tinham de heróis. Temos de parar de tratar essa gente como se tivessem sido heróis. Quero dizer, todo esse desfile.

— A mulher tinha filhos. Eles não precisam ficar lendo com quem ela dormia na faculdade.

— Mas é a verdade. Não podemos fugir da verdade.

Kevin sabia que era inútil argumentar. Segundo todos os relatos, Matt Jamison costumava ser um cara decente, mas tinha perdido a noção das coisas. Assim como muitos cristãos devotos, ficara profundamente traumatizado com a Partida Repentina, atormentado pelo temor de que o Dia do Juízo Final tivesse chegado e passado, e de que Ihe tivessem omitido socorro. Enquanto algumas pessoas na mesma posição que ele haviam reagido com uma devoção redobrada, o reverendo se movera na direção oposta, assumindo a causa da Negação do Arrebatamento como uma vingança, e devotava sua vida a provar que as pessoas que haviam rompido suas cadeias terrenas no dia 14 de outubro não eram bons cristãos nem

sequer indivíduos especialmente virtuosos. No curso desse processo, acabou virando um jornalista investigativo tenaz e também um panaca absoluto.

— Está bem — resmungou Kevin, dobrando o jornalzinho e enfiando no bolso de trás. — Vou dar uma olhada.

Eles começaram a mover-se poucos minutos depois das onze horas. Um comboio da polícia motorizada abriu o desfile, seguido por uma pequena frota de embarcações que representavam uma variedade de organizações cívicas e comerciais, sobretudo antigos patrocinadores como a Grande Câmara de Comércio de Mapleton, o escritório local do Centro Educacional Contra as Drogas e o Clube dos Cidadãos Veteranos. Alguns fizeram representações ao vivo: estudantes do Instituto de Dança Alice Herlihy apresentaram passos cautelosos de um *jitterburg* sobre um palco improvisado, enquanto uma linha de lutadores mirim de caratê da Escola de Artes Marciais Irmãos Devlin disparava turbilhões de socos e pontapés no ar, grunhindo num unísono feroz. Para um observador fortuito, tudo aquilo pareceria familiar, não muito diferente de qualquer outro desfile que houvesse se arrastado pelas ruas da cidade nos últimos cinquenta anos. Só o último veículo do desfile o teria feito parar e pensar, um caminhão-plataforma envolto em bandeiras pretas, sem ninguém a bordo, um vazio que parecia resoluto e autoexplicativo.

Na condição de prefeito, Kevin tinha o direito de andar num dos dois conversíveis oficiais que seguiam o desfile comemorativo, um pequenino Mazda dirigido por Pete Thorne, seu amigo e ex-vizinho. Eles vinham na segunda posição, dez metros atrás de um Fiat Spider que levava a Rainha do Desfile, uma mulher bonita mas de aspecto frágil, chamada Nora Durst, que havia perdido toda a família — marido e dois filhos pequenos — no 14 de Outubro, naquela que foi amplamente considerada a pior tragédia em toda Mapleton. Nora, sabia-se, tinha sofrido um pequeno ataque de pânico mais cedo no dia do desfile, disse que estava tonta, com náuseas, e que precisava voltar para casa, mas vencera a crise com a ajuda da irmã e de uma voluntária conselheira de depressão que estava a postos justamente para o caso de alguma emergência desse tipo. Agora ela parecia estar bem, sentada quase que majestosamente no banco traseiro do Fiat Spider, virando-se de um lado para outro e erguendo a mão languidamente a fim de responder a esporádicas explosões de aplausos dos espectadores que se haviam aglomerado às margens da rua.

— A adesão não está nada má! — comentou Kevin em voz alta. — Eu não esperava que viesse tanta gente!

— O quê? — berrou Pete por cima do ombro.

— Esqueça! — gritou Kevin em resposta, dando-se conta de que não adiantava nada tentar falar por cima do som da banda.

A seção dos metais estava colada no seu para-choque, tocando uma exuberante versão de “Haváí Cinco Zero”, repetida tantas vezes que ele já começava a se perguntar se não seria a única música que sabiam tocar. Impaciente com os passos lentos de desfile fúnebre, os músicos sempre tentavam forçar o ritmo das passadas, de repente ultrapassavam o carro do prefeito para depois se colocarem atrás dele outra vez, sem dúvida causando estragos na organização da retaguarda da procissão solene. Kevin se remexia no banco do carro, tentava enxergar para além dos músicos os participantes do desfile, mas sua vista estava bloqueada por um matagal de uniformes marrons, rostos jovens e sérios, de bochechas infladas, e instrumentos de metal que cintilavam ao sol numa cor de ouro fundido.

Lá atrás, pensou ele, ficava o desfile *de verdade*, aquele que ninguém tinha visto antes, centenas de pessoas comuns caminhando em pequenos grupos, algumas carregando cartazes, outras vestindo camisetas com a imagem de um amigo ou de um parente que tinha sido levado. Kevin os vira no estacionamento, pouco depois de terem formado seus pelotões, e a visão de tais pessoas — a soma incompreensível de sua tristeza — deixara Kevin comovido, incapaz de ler os nomes inscritos em suas faixas: Os Órfãos de 14 de Outubro, Coalizão dos Cônjuges de Luto, Mães e Pais de Crianças que Partiram, Rede de Pessoas que Perderam Irmãs e Irmãos, Grupo em Memória de Amigos e Vizinhos, Alunos de Shirley de Santos, Saudades de Bud Phipps e assim por diante. Algumas organizações religiosas de ponta também participavam — Nossa Senhora das Dores, Templo Bethel e Presbiterianos de St. James, todos tinham seus representantes —, mas vinham bem lá atrás, quase como uma ideia de última hora, na frente das viaturas de emergência.

O centro de Mapleton estava repleto de simpatizantes, a rua estava coberta de flores, muitas delas tinham sido esmagadas por rodas de caminhões e logo seriam pisoteadas. Um bom número de espectadores era formado por crianças do ensino médio, mas a filha de Kevin, Jill, e sua melhor amiga, Aimee, não estavam entre elas. As meninas estavam dormindo profundamente quando Kevin saiu — como de costume, tinham ficado fora de casa até bem tarde — e ele não teve coragem de acordá-las, nem tinha a firmeza para lidar com Aimee, que insistia em dormir de calcinha e com uma finíssima camiseta curta e sem manga, que o deixava em dificuldades, sem saber para onde devia olhar. Kevin telefonara duas vezes para casa na última meia hora, na esperança de que o barulho acordasse as jovens, mas elas não atenderam.

Ele e Jill haviam discutido por causa do desfile durante semanas, daquele jeito exasperante e semissério com que os dois conduziam todos os assuntos

importantes em suas vidas. Kevin incentivara a filha a desfilar em homenagem a Jen, sua amiga que partira, mas ela se manteve inflexível.

— Quer saber, pai? Jen não se importa nem um pouco se eu vou desfilar ou não.

— Como você sabe?

— Ela se foi. Ela não está nem aí para nada disso.

— Pode ser — disse ele. — Mas e se ela continua aqui e nós apenas não conseguimos vê-la?

Jill pareceu achar graça nessa hipótese.

— Seria uma droga. Ela na certa anda por aí abanando os braços o dia inteiro, tentando chamar a atenção da gente. — Jill passou os olhos pela cozinha, como se procurasse a amiga. Falava em voz bem alta, como alguém que se dirige a um avô meio surdo. — Jen, se você está aqui, me desculpe por ignorá-la desse jeito, viu? Ajudaria se você pigarreasse, ou algo assim.

Kevin reprimiu sua reclamação. Jill sabia que ele não gostava quando ela fazia piadas sobre os desaparecidos, mas também não ia adiantar nada repetir a mesma coisa pela centésima vez.

— Querida — disse ele com toda calma —, o desfile é para nós, não para eles.

Jill fitou-o com um olhar que havia aprimorado nos últimos tempos: completa incompreensão atenuada por um toque sutil de indulgência feminina. Seria ainda mais bonito se ela ainda tivesse algum cabelo e não usasse tanto delineador nos olhos.

— Diga uma coisa — pediu ela. — Por que isso é tão importante para você?

Se pudesse fornecer uma boa resposta para aquela pergunta, Kevin o teria feito com prazer. Mas a verdade era que ele não sabia por que era tão importante, por que não havia renunciado ao desfile, já que tinha transigido em todas as questões por que haviam brigado no último ano: a hora para voltar para casa, a cabeça raspada, a sensatez de passar tanto tempo em companhia de Aimee, as festas em dias de semana. Jill tinha dezessete anos; ele entendia que, de algum jeito irrevogável, ela se afastara da órbita do pai e faria tudo o que quisesse, quando quisesse, a despeito das vontades dele.

Mesmo assim, no entanto, Kevin queria que Jill participasse do desfile, para demonstrar de algum modo que ainda reconhecia os direitos da família e da comunidade, ainda amava e respeitava seu pai e faria todo o possível para fazê-lo feliz. Ela compreendia a situação perfeitamente — e Kevin sabia disso —, porém, por algum motivo não era capaz de cooperar. Aquilo o magoava, é claro, mas toda raiva que ele pudesse sentir da filha vinha sempre acompanhada por uma desculpa automática, um reconhecimento íntimo de tudo aquilo que ela tivera de suportar e do quão pouco ele pudera ajudá-la.

Jill era uma das Testemunhas Oculares e Kevin não precisava de um psicólogo para lhe explicar que ela teria de enfrentar aquilo pelo resto da vida. Ela e Jen estavam juntas no 14 de Outubro, duas garotas risonhas sentadas lado a lado num sofá, comendo *pretzels* e assistindo a vídeos no YouTube num laptop. Então, no tempo que a gente leva para dar um clique no mouse, uma delas se foi e a outra ficou gritando. E as pessoas continuaram a desaparecer em volta dela nos meses e nos anos que seguiram, ainda que não de forma tão dramática. Seu irmão mais velho vai para a faculdade e nunca mais volta para casa. Sua mãe sai de casa, faz um voto de silêncio. Só resta o pai, um homem perplexo que tenta ajudar, mas nunca consegue dizer as palavras certas. Como ele poderia fazer isso, quando está tão perdido e desorientado quanto ela?

Kevin não se surpreendia por Jill estar com raiva, ser rebelde ou andar deprimida. Ela tinha todo direito de ser todas essas coisas, e ainda mais. A única coisa que o surpreendia era ela continuar por perto, continuar morando na mesma casa, com ele, quando seria muito fácil para a filha fugir com o Povo Descalço ou embarcar num ônibus da empresa Greyhound com rumo desconhecido. Uma porção de jovens tinha feito isso. Sua aparência havia mudado, é claro, careca e atormentada, como se quisesse que pessoas completamente desconhecidas compreendessem exatamente como ela se sentia mal. Mas às vezes, quando ela sorria, Kevin tinha a sensação de que a essência da personalidade da filha continuava viva dentro dela, mantinha-se misteriosamente intacta, apesar de tudo. Era essa outra Jill — a Jill que ela nunca teve a oportunidade de ser — que Kevin esperava encontrar na mesa do café da manhã daquele dia, não a Jill real, que ele conhecia tão bem, a garota toda encolhida sobre a cama, depois de chegar em casa bêbada ou doidona demais para se dar o trabalho de remover a maquiagem da noite anterior.

Kevin pensou em telefonar de novo na hora em que estavam chegando a Lovell Terrace, a rua sem saída e privativa para onde ele e sua família tinham se mudado cinco anos antes, numa era que agora parecia tão remota e irreal quanto a Era do Jazz. Por mais que quisesse ouvir a voz de Jill, seu senso de decoro o deteve. Kevin achou que não era direito o prefeito falar ao celular no meio de um desfile. Além do mais, o que ia dizer para Jill?

Oi, querida, estou passando de carro pela nossa rua, mas não estou vendo você...

Mesmo antes de perder a esposa para eles, Kevin havia desenvolvido um relutante sentimento de respeito pelos Remanescentes Culpados. Dois anos antes, quando eles apareceram pela primeira vez na tela de seu radar, os confundira com um inofensivo culto do Arrebatamento, um grupo de fanáticos separatistas

que só queria ser deixado em paz para curtir seu luto e meditar até a Segunda Vinda, ou o que quer que estivesse esperando (ele ainda não havia entendido direito sua teologia, e nem tinha certeza de que eles mesmos haviam entendido). Fazia até certo sentido para ele que pessoas de coração partido, como Rosalie Sussman, achassem reconfortante unir-se a suas fileiras, retirar-se do mundo e fazer voto de silêncio.

Naquela época, os Remanescentes Culpados pareciam ter brotado do nada, uma reação espontânea local a uma tragédia sem precedentes. Kevin levou um tempo para se dar conta de que grupos semelhantes estavam se formando por todo país e que se interligavam numa rede nacional flexível, cada afiliada seguindo as mesmas diretrizes básicas — roupas brancas, cigarros e equipes de vigilância formadas por duas pessoas —, mas que governava a si mesma sem qualquer supervisão organizada nem interferência externa.

Apesar de sua aparência monástica, a Filial de Mapleton rapidamente se revelou uma organização ambiciosa e disciplinada, com uma queda para a desobediência civil e para a encenação política. Seus membros não só se recusavam a pagar impostos ou taxas de serviços públicos como zombavam de uma porção de normas de postura municipais em seu condomínio na rua Ginkgo, pois amontoavam dúzias de pessoas em casas construídas para abrigar uma só família e desafiavam as ordens judiciais e as notificações de embargo, fazendo barricadas para impedir a entrada dos representantes da lei. Houve uma série de confrontos, um dos quais resultou na morte de um dos membros dos Remanescentes Culpados que jogou pedras em policiais que tentavam cumprir um mandado de busca. Após o ataque fracassado, espalhou-se uma onda de solidariedade em favor dos Remanescentes Culpados, o que levou à renúncia do Chefe de Polícia e a uma grande perda de apoio ao prefeito Malvern, já que haviam, ambos, autorizado aquela operação policial.

Desde que assumira a prefeitura, Kevin tinha dado o melhor de si para reduzir a tensão entre o culto e a cidade, tentava negociar uma série de acordos que permitia aos Remanescentes Culpados viverem mais ou menos como quisessem, em troca do pagamento de impostos comuns e de garantias de acesso para a polícia e para veículos de emergência, em situações específicas e determinadas. A trégua parecia estar resistindo, mas os R. C. continuavam imprevisíveis, apareciam em intervalos aleatórios para criar confusão e angústia entre cidadãos pacatos e seguidores das leis. Naquele ano, no primeiro dia de aulas, vários adultos vestidos de branco fizeram um protesto na Escola Fundamental Kingman, ocupando a sala da turma do segundo ano durante a manhã inteira. Algumas semanas depois, outro grupo entrou no campo de futebol do colégio no meio de uma

partida, deitou-se na grama até ser removido de lá à força por jogadores e espectadores irritados.

Já fazia meses que as autoridades locais se perguntavam o que os R. C. fariam para perturbar o Dia dos Heróis. Kevin tinha participado de duas reuniões de planejamento nas quais o tema fora discutido em detalhes, e havia examinado uma série de situações prováveis. Passou o dia inteiro esperando que eles intervissem, sentia uma estranha mistura de temor e curiosidade, como se a festa não ficasse de fato completa até que eles fizessem sua investida.

Mas o desfile começou e terminou sem eles, e a cerimônia em memória dos desaparecidos estava chegando ao fim. Kevin tinha colocado uma coroa de flores ao pé do Monumento aos que Partiram, no Greenway Park, uma sinistra escultura de bronze feita por um dos professores de artes do ensino médio. Supostamente, representava um bebê flutuando para fora dos braços de uma mãe perplexa, ascendendo rumo ao paraíso, mas alguma coisa saíra errada. Kevin não tinha nada de crítico de arte, mas sempre tivera a impressão de que o bebê estava caindo, e não subindo, e que a mãe talvez não fosse capaz de apanhá-lo.

Depois da bênção do padre Gonzalez, houve um momento de silêncio para celebrar o terceiro aniversário da Partida Repentina, seguido pelo dobrar dos sinos da igreja. O discurso oficial de Nora Durst era o último item da programação. Kevin estava sentado no palco improvisado com outras autoridades e sentiu uma pequena angústia na hora em que ela subiu à tribuna. Sabia por experiência própria como podia ser intimidador fazer um discurso, como era preciso ter confiança e habilidade para prender a atenção até mesmo de metade das pessoas ali presentes.

Mas Kevin logo se deu conta de que suas preocupações eram descabidas. Um murmúrio pedindo silêncio percorreu a plateia quando Nora pigarreou e ajeitou na mão suas fichas de anotações. Ela havia sofrido — era a Mulher que Perdeu Tudo — e seu sofrimento lhe conferia autoridade. Não precisava conquistar a atenção ou o respeito de ninguém.

Além disso, Nora se mostrou uma oradora nata. Falou devagar e com clareza — era o básico da oratória, mas um número espantoso de oradores ignorava essa lição —, com o número de tropeços e hesitações apenas suficiente para evitar que tudo parecesse artificial demais. Ajudava também o fato de ser uma mulher bonita, alta e bem-proporcionada, com uma voz suave, mas enfática. A exemplo da maioria das pessoas na plateia, vestia-se de maneira informal, e Kevin se pegou olhando com uma avidez um pouco excessiva para os complicados pontos de costura no bolso traseiro de sua calça jeans, cujo caimento justo raramente era

visto nas atividades oficiais de governo. Notou que Nora tinha um corpo surpreendentemente jovem para uma mulher de trinta e cinco anos que tivera dois filhos. *Perdera dois filhos*, Kevin recordou a si mesmo, obrigando-se a manter o queixo erguido e a olhar para algo mais adequado. A última coisa que desejava ver na capa de *O Mensageiro de Mapleton* era uma foto colorida do prefeito olhando com cobiça para o traseiro de uma mãe de luto.

Nora começou dizendo que tinha concebido seu discurso, inicialmente, como uma celebração do melhor dia de sua vida. O dia em questão tinha ocorrido alguns meses antes do 14 de Outubro, durante as férias que passara com a família em Jersey Shore. Não havia acontecido nada de especial, nem ela se dera conta plenamente da extensão de sua felicidade na ocasião. Aquela compreensão só lhe veio mais tarde, depois que o marido e os filhos partiram e ela teve noites insones de sobra para avaliar tudo o que havia perdido.

Foi, disse ela, um dia adorável no final do verão, fazia calor e soprava uma brisa, mas não era um dia tão radiante que a gente tivesse de pensar toda hora em filtro solar. A certa altura da manhã, seus filhos — Jeremy tinha seis anos, Erin, quatro; essas foram as idades máximas que alcançaram — começaram a fazer um castelo de areia e levaram adiante seu trabalho com o entusiasmo solene que as crianças às vezes imprimem às tarefas mais inconsequentes. Nora e o marido, Doug, estavam sentados numa toalha ali perto, de mãos dadas, observando aqueles pequenos construtores compenetrados correrem até a beira da água, encherem seus baldinhos de plástico com areia molhada e depois voltarem, em passos cambaleantes, com os braços que pareciam palitos de dente, muito tensos com a pesada carga dos baldes. Os garotos não estavam sorrindo, mas seus rostos reluziam com uma determinação feliz. A fortaleza que construíam era espantosamente grande e complicada; ficaram ocupados com aquilo durante horas.

— Nós tínhamos uma câmera de vídeo — disse ela. — Mas, por algum motivo, não pensamos em ligá-la. Estou feliz por isso, de certo modo. Porque, se tivéssemos feito um vídeo naquele dia, eu ficaria assistindo a ele o tempo todo. Iria definhar na frente da televisão, repetindo sem parar as mesmas cenas.

De algum modo, porém, pensar naquele dia fazia Nora recordar outro dia, um sábado terrível no mês de março anterior, quando a família inteira ficou de cama por causa de uma doença estomacal. Dava a impressão de que toda vez que a gente se virava tinha alguém vomitando, e nem sempre era no banheiro. A casa fedia, as crianças gemiam e o cachorro não parava de ganir, implorando para ir para fora. Nora não conseguia se levantar da cama — estava com febre, ficava entrando e saindo de um delírio — e Doug não estava nem um pouco melhor. Houve um breve intervalo na parte da tarde em que Nora achou que talvez esti-

vesse morrendo. Quando expressou esse temor para o marido, ele simplesmente balançou a cabeça e disse: “Está bem.” Estavam tão mal que nem tiveram a ideia de pegar o telefone e pedir ajuda. A certa altura, no final da tarde, quando Erin estava deitada entre os dois, seu cabelo com uma crosta de vômito ressecado, Jeremy entrou cambaleante e, choroso, apontou para os próprios pés. *Woody fez cocô na cozinha*, disse. *Woody fez cocô na cozinha e eu pisei em cima.*

— Foi um inferno — disse Nora. — Era isso o que dizíamos toda hora uns aos outros. *Isto é um verdadeiro inferno.*

Eles superaram aquilo, é claro. Alguns dias depois, todo mundo estava bem de saúde outra vez e a casa estava mais ou menos em ordem. Mas daí em diante referiam-se àquela Maratona Familiar de Vômito como o momento mais lamentável de sua vida, a debacle que colocava todo o restante em perspectiva. Se o porão inundava, se Nora levava uma multa por estacionar em local proibido, se Doug perdia um cliente, eles sempre se lembravam de que as coisas poderiam ser bem piores.

— *Bem, dizíamos, ao menos não é tão ruim como naquela vez em que todo mundo em casa ficou doente.*

Foi nessa altura do discurso de Nora que os Remanescentes Culpados finalmente fizeram sua intervenção, emergiram em massa, saindo do pequeno trecho de mata situado no lado oeste do parque. Devia haver uns vinte deles, vestidos de branco, movendo-se devagar na direção do lugar onde o público estava reunido. De início, pareciam um bando desorganizado, porém, à medida que caminhavam, começaram a formar uma linha horizontal, uma configuração que fez Kevin se lembrar de um grupo de busca. Cada pessoa levava um cartaz de cartolina com uma única letra preta desenhada e, quando chegaram um pouco mais perto do palco, pararam e ergueram seus cartazes quadrados acima da cabeça. Junta, a sequência irregular de letras formou as palavras PAREM DE FALAR À TOA.

Um murmúrio irritado se ergueu na multidão, que não gostou nem da interrupção nem daquele tipo de sentimento. Quase toda a força policial estava presente na cerimônia e, após um momento de dúvida, vários policiais começaram a mover-se na direção dos intrusos. O Chefe Rogers estava no palco, e, assim que Kevin se ergueu a fim de consultá-lo sobre a sensatez de provocar um confronto, Nora dirigiu a palavra aos policiais.

— Por favor — disse ela. — Deixem essas pessoas em paz. Não estão fazendo mal a ninguém.

Os guardas hesitaram e interromperam sua investida, depois de receberem um sinal do chefe. De onde estava sentado, Kevin tinha uma visão clara dos manifestantes, portanto àquela altura havia notado que sua esposa estava entre

eles. Kevin não via Laurie já fazia alguns meses e ficou impressionado ao ver como ela havia perdido peso, era como se tivesse desaparecido num centro de condicionamento físico, em vez de ter aderido a um culto do Arrebatamento. Ele nunca tinha visto seu cabelo tão grisalho — a aparência pessoal não era o forte dos Remanescentes Culpados —, mas no conjunto ela parecia estranhamente jovial. Talvez fosse o cigarro em sua boca — Laurie fumava no início do relacionamento deles —, mas a mulher que estava parada à sua frente, a letra *L* erguida bem alto acima da cabeça, fazia Kevin recordar antes a garota divertida e apaixonada que ele havia conhecido na faculdade do que a mulher entristecida e de cintura larga que o havia largado seis meses antes. Apesar das circunstâncias, ele sentiu uma irrefutável pontada de desejo por ela, uma excitação real e altamente irônica em sua virilha.

— Não sou gananciosa — prosseguiu Nora, retomando o fio de seu discurso. — Não estou pedindo aquele dia perfeito na praia. Basta me dar aquele sábado horrível, nós quatro doentes e infelizes, mas vivos, e juntos. Agora, aquilo me parece o paraíso. — Pela primeira vez desde que começara o discurso, sua voz vacilou de emoção. — Deus nos abençoe, a todos, os que estão aqui e os que não estão. Nós todos sofremos muito.

Kevin tentou estabelecer um contato visual com Laurie durante os aplausos prolongados e um pouco desafiadores que se seguiram, mas ela se recusava a olhar sequer de relance em sua direção. Kevin tentou se convencer de que ela estava agindo assim contra a própria vontade — afinal, estava entre dois homens grandes e barbados, um deles parecia um pouco Neil Felton, o cara que fora dono de uma pizzeria chique no centro da cidade. Seria reconfortante pensar que ela fora instruída por seus superiores a não cair na tentação de se comunicar com o marido, ainda que em silêncio, mas Kevin sabia, no fundo do coração, que não era esse o caso. Laurie poderia olhar para ele se quisesse, poderia pelo menos dar um sinal de que reconhecia a existência do homem com quem ela prometera passar a vida. Ela simplesmente não queria.

Mais tarde, ao pensar sobre o assunto, Kevin se perguntava por que ele não desceu do palco, caminhou até onde ela estava e disse: *Ei, já faz tanto tempo. Você está bonita. Estou com saudades.* Não havia nada que o impedisse de fazer isso. E no entanto Kevin se limitou a ficar parado, não fez absolutamente nada, até que as pessoas de branco baixaram suas letras, deram meia-volta e retornaram lentamente para o bosque.